

“Da Intervenção Social ao Palco” 10/12/2021

Elisabete Gonçalves

Boa tarde a todas e a todos.

Esta é uma boa oportunidade para agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian, à Beira Serra e à Quarta Parede por terem dado forma a um Projecto desta dimensão. E às entidades parceiras.

Um agradecimento especial à Marisa da Beira Serra por ter sido a nossa mulher multifunções. Fez tanto e fez-nos tanto, sempre sem avariar, sem quebrar. Bem hajás.

Um agradecimento especial também à Silvia da Quarta Parede que com toda sua paciência e persistência conseguiu comandar este barco. Para já não falar do desafio que deve ser, transformar mulheres em actrizes amadoras. Bem hajás.

E um bem haja a todas as Veledas participantes neste Projecto e às restantes que não conhecemos, mas sabemos que existem.

Agradeço o convite da Beira Serra, que me desafiou para vir aqui falar um pouco da minha experiência enquanto Assistente Social de uma entidade parceira do Projecto Veleada e como mãe monoparental participante neste Projecto.

Antes de iniciar a minha reflexão, dizer-vos que tentei em casa por duas vezes ensaiar esta minha intervenção, usando apenas um papel com duas ou três linhas orientadoras. Numa tentativa demorei 22 minutos e noutra

demorei 28 minutos. Portanto, para segurança de todos, achei por bem passar tudo para um papel e ler, para não correr o risco de me dispersar aqui.

É que aqui, provavelmente iriam ser uns 36 minutos.

Posto isto, peço desculpa, mas a ideia não era ler. Mas, prometo que o conteúdo é muito interessante, maneira que, ninguém vai adormecer. Ok?

Vamos lá então:

Enquanto Assistente Social tenho acompanhado diversas famílias monoparentais no Concelho do Fundão.

Femininas e masculinas. Maioritariamente femininas.

As/os Assistentes Sociais estão na linha da frente e não só na pandemia, mas sempre.

Ao mesmo tempo, somos o fim de linha.

A maioria das pessoas procuram-nos quando todo um sistema falhou.

Quando um ordenado mínimo não chega para suportar todas as despesas mensais.

Este país tem um bom sistema assistencialista, mas demasiado burocrata e lento.

O que trás um desgaste psicológico e emocional a estas famílias em particular.

Muitas vezes não temos soluções no imediato porque é

impossível fazer omeletes sem ovos.

Por isso o trabalho em rede é tão importante. Entre diversas entidades, entre pares, entre parceiros, vamos conseguindo.

A título de exemplo, recordo-me de uma mãe monoparental que pediu apoio financeiro para os óculos do filho. Depois de um segundo atendimento e de uma visita domiciliária, a avaliação foi feita. Não precisava só de apoio financeiro para os óculos do filho. Tinha uma renda em atraso, porque nesse mês teve que pagar o seguro do carro (meio de transporte que utiliza para ir trabalhar a 11 km de casa), em casa tinha um fogão já obsoleto que só um dos bicos funcionava, tinha também falta de aquecimento, porque o único aquecedor da casa tinha avariado há dias. Estava também a necessitar de roupas e calçado para o filho mais velho.

Com trabalho em parceria com outras entidades, conseguimos providenciar um fogão e vestuário. Foi inserida no programa alimentar e foi pedido à segurança social o apoio financeiro para os óculos e para a renda em atraso (apoio pontual).

Fizemos uma omelete.

Este é um exemplo das dificuldades económicas que uma família monoparental tem. E um exemplo onde muitas vezes quem pede apoio, precisa de muito mais do que aquilo que está a pedir.

E, há ainda as famílias que ainda não são monoparentais. Não o são apenas porque não se conseguem autonomizar. Relacionamentos infelizes que persistem apenas por falta de capacidade económica para pagar uma renda de casa, por exemplo.

Como sabemos no Concelho do Fundão não existe habitação social e as rendas de há uns tempos para cá, são vergonhosamente altas.

Quando uma mãe nos procura porque está em processo de separação, limitamo-nos a prestar apoio psicossocial, a explicar quais os apoios que poderá ter.

Mas, se não tem uma casa? Não tem nada. Nada.

E vem aquela sensação de impotência. De frustração.

A roçar ali a negligencia. Há famílias que estão a ser negligenciadas.

E depois aparece o “muro”.

Preparem-se, a palavra “muro” vai ser muito ouvida, em jeito de metáfora no decorrer desta minha reflexão.

Fazemos o acompanhamento possível.

Não julgamos, não opinamos, não falamos mal do sistema, não choramos com a pessoa. Escutamos. Estamos ali.

Estamos ali de uma forma formal. Não podemos criar laços. Não podemos levar as pessoas para casa (mesmo que tenhamos vontade), e muitas vezes vão, em pensamento.

De alguma maneira fazemos magia para empoderar a pessoa.

Depois de a Beira Serra contactar o SAAS Fundão, convidámos famílias de mães monoparentais. Algumas mães estiveram presentes nas acções de apresentação deste Projecto. Nenhuma quis participar.

Ao longo destas sessões de apresentação, fiquei fascinada com o Projecto. Aliar a parte social a uma parte artística. Uau! Inscrevi-me no grupo Fundão/Belmonte.

Neste grupo não estava nenhuma mãe que eu conhecesse em contexto de trabalho.

Algumas participantes eu conhecia apenas “de vista”.

E inesperadamente tinha saltado o muro. Era uma Assistente Social a criar laços com mães monoparentais num grupo de mulheres. Era o papel mais confortável.

Confortável, porque sentia que estava ali a trabalhar, mas num novo registo. Ouvia as histórias e ali no grupo e em grupo era seguro apontar as falhas estruturais do sistema. Ouve histórias que apesar de tudo não me surpreenderam. Processos a arrastarem-se anos em tribunal, na segurança social, etc.

Histórias onde algumas vezes envergonhavam o sistema e, me enervavam enquanto Assistente Social, enquanto cidadã, enquanto mãe, enquanto pessoa.

Porque os laços já estavam criados. Aquelas mulheres já eram minhas amigas, participantes do mesmo grupo e quando o sistema trata mal um elemento do grupo, trata mal o grupo inteiro.

Cheguei a pensar desistir do Projecto, confesso. Achei que iria ficar naquele registo até ao fim. Ser Assistente Social em horário pós laboral já estava de certa forma a tornar-se cansativo.

Até que percebi porque era mais confortável estar vestida de Assistente Social.

Não queria vestir o papel de mãe monoparental.

Mais um muro. Inconscientemente sabia que não iria ser fácil.

Aos poucos, nos laboratórios e particularmente em exercícios de escrita, lá fui abrindo as feridas fechadas há 10 anos.

Foi desconfortável, tenho que admitir.

Desconfortável ao ponto de querer desistir do Projecto, outra vez.

Estava a abrir cicatrizes que afinal não estavam cicatrizadas.

Lembro-me que quando fiquei em situação de monoparentalidade, limitei-me a sobreviver.

O meu filho tinha cinco anos a caminho dos seis, eu trabalhava a 20 km do Fundão.

A rotina era esta: deixá-lo na escola, regressar ao Fundão por volta das 19h, ir buscá-lo ao ATL, dar-lhe banho, fazer o jantar, jantar e por volta das 9.30 da noite, já ele dormia.

Durante muito tempo, antes de me deitar pensei “ok, sobreviveste a mais um dia, amanhã há mais”.

Iniciei a Pós graduação nessa altura, como se fosse uma terapia, também para ter companhia nos serões.

Percebo agora que foi mais uma ferramenta que me ocupou, me preencheu aquela zona aberta e perigosa onde estavam as dores que queriam sair a qualquer momento.

Não sei se é uma questão cultural, se uma espécie de herança de Família, isto da mulher ser ou ter de ser resiliente a este ponto quase desumano.

No meu caso penso que, por ter exemplos de mulheres resilientes e que passaram por tanto na vida e em raros momentos vergaram. Acabei por lhes seguir o exemplo, não sei se de forma consciente ou inconsciente.

Depois vinham os fins de semana e a casa em silêncio.

Aquele silêncio que perfura o tímpano.

E vinha o meu filho no domingo à noite a contar o que fez no fim de semana com o pai. Brincou, viu filmes, comeu pipocas, andou de bicicleta, etc. E eu ficava com aquela sensação agridoce.

Feliz por ele ter um bom relacionamento com o pai.

Eu também o tenho. Eu e o pai do meu filho somos ambos filhos de pais divorciados e desde o início do processo de divórcio que nos esforçamos para quebrar aqui o padrão dos modelos que tivemos para evitar que o nosso filho tenha as mesmas cicatrizes de memórias menos boas da nossa infância e adolescência.

O pai do meu filho trabalha por turnos, portanto era impossível guarda partilhada, uma vez que ele não tem retaguarda familiar.

Portanto, agridoce neste sentido. A mãe assume o papel chato. A mãe chata. Que há anos acorda o filho mal-humorado todos os dias para ir para a escola, que manda o filho estudar, que exige que o filho arrume o seu quarto, que ensina e motiva o filho a fazer tarefas domésticas.

Que lhe sente as dores de crescimento (tantas), que vai às reuniões da escola, que é motorista, empregada de limpeza, gestora do único ordenado que entra em casa, que é mulher, mãe, irmã, tia, filha, que é Assistente Social.

Que é Pessoa. Ser humano. Ser humano.

O Projecto Valeda foi importante neste sentido, ajudou a abrir o baú das dores, a falar delas, a escrever sobre elas. Foi um peso que carreguei sozinha durante muito tempo.

Aos poucos fui libertando. O projecto foi uma espécie de caminho. O grupo era um espaço seguro para esta libertação. Aliás, sempre o disse. Trabalhar em grupo, em diferentes problemáticas é uma ferramenta poderosíssima e riquíssima.

E o processo tem sido gradual. Lembro-me no dia do ensaio geral da estreia aqui na Covilhã, em Julho deste ano, enquanto fazíamos uma pausa para almoço.

Estava a comer uma fatia de pizza e junto a mim estava a Veleda Cecília e a Veleda Hortense e assim espontaneamente contei um episódio pouco agradável que aconteceu no meu processo de divórcio. Foi libertador. Nunca tinha contado a ninguém. E elas, para além de me ouvirem, confortaram-me e ainda rimos. Foi menos um peso. E à medida que ficamos mais leves, mais resolvidas, parece que acontece uma espécie de renascimento.

E em Agosto do ano passado aconteceu a fusão dos dois grupos. Fundão/Belmonte e Covilhã.

E a partir daí começaram os preparativos para a peça de teatro. Escolhi ficar. Sentia-me mais leve e achei presunçosamente, admito, que o que vinha a seguir era canja. Não, não foi canja. Foi mais um muro para atravessar.

Vá, já só faltam dois muros para a minha reflexão terminar. Não desanimem.

A preparação da peça de teatro documental foi mais exigente que eu pensava. Exigente em tempo, em concentração, em disciplina.

Enquanto espectadora tinha uma leve ideia do trabalho que era preparar uma peça de teatro. Leve ideia. Mas enquanto actriz amadora percebi que dá uma trabalheira e muita canseira.

As luzes, a marcação estratégica dos nossos lugares em palco, o som, etc.

As falas! Ahhh as falas. Achei que era como na escola, que poderia estudar nas vésperas do teste e mesmo assim me ia safando. Ainda bem que o meu filho não me está a ouvir, que isto não é um bom exemplo.

Houve ali uns momentos de tensão causados pela minha falta de disciplina e uma espécie de auto desilusão pela minha irresponsabilidade.

Entretanto, depois de me esforçar efetivamente em decorar as minhas falas, continuava com dificuldade em memorizá-las.

Até que percebi que não estava a encarnar a personagem.

Não estava a sentir as dores das mulheres que tinham escrito os testemunhos que eu iria ler na cena.

Estão a ver aquele clichê que nos devíamos colocar mais vezes no papel do outro? Foi isso.

O muro foi quebrado quando finalmente senti a dor de uma mãe que não tinha dinheiro para comprar uma lata de leite de farmácia para o filho.

Também senti algumas dúvidas em relação à mensagem ou mensagens que iríamos passar, ou melhor, tive dúvidas relativamente às reações do público.

Foram dúvidas que se transformaram noutra muro e que foi rapidamente quebrado através das reações positivas.

Temos um caderno Veleda que vai rodando entre todas, para escrevermos o que nos apetecer.

Tinha o caderno comigo no dia da estreia aqui na Covilhã e decidi escrever nele. Confesso que não me lembro muito bem o que escrevi. Mas sei que me emocionei. Chorei. De alegria. De orgulho.

10 mulheres em palco a representar um grupo de 32.

Como a Veleda Rosa disse: “Juntas somos uma só”

A peça foram

45 minutos de textos nossos.

45 minutos de arte.

45 minutos de histórias reais.

45 minutos de dores, de preocupações, de alívio, de ansiedade, de medo e medos, de solidão, de lágrimas, de resiliência, de persistência, de sonhos, de desilusões.

45 minutos de Esperança.

E é com a palavra Esperança que termino.

Acredito que este Projecto tenha sido o início de algo incrivelmente positivo e libertador, tal como o foi para mim e para todas as participantes, ao longo destes 3 anos.